



## **“Guerra ao tráfico”: Uma análise da construção das personagens jornalísticas no programa Fantástico de 28 de novembro de 2010<sup>1</sup>**

Felipe Melo dos SANTOS<sup>2</sup>  
Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

### **RESUMO**

Em novembro de 2010 a cidade do Rio de Janeiro foi alvo de uma série de ataques promovidos por grupos de traficantes de drogas. Em resposta, o Governo do Estado do RJ articulou uma operação que culminou com a ocupação, no dia 28 de novembro de 2010, do conjunto de comunidades conhecidas como complexo do Alemão. Neste dia, o programa Fantástico da Rede Globo fez uma cobertura especial com quinze produtos jornalísticos: reportagens, entrevistas e transmissões ao vivo sobre a operação, denominada pela própria emissora como “Guerra ao tráfico”. Este trabalho visa analisar como o Programa Fantástico, transmitido no dia 28 de Novembro de 2010, construiu suas personagens jornalísticas nos episódios denominados “Guerra ao Tráfico”. Com esta análise consideramos que a Rede Globo construiu uma visão vitoriosa da ação, não cumprindo com um dever básico do jornalismo, o da pluralidade de opiniões.

**PALAVRAS-CHAVE:** fantástico; jornalismo; narrativa; personagem

### **Introdução**

Neste trabalho vamos analisar como o programa Fantástico da Rede Globo<sup>3</sup> do dia 28 de Novembro de 2010, construiu as personagens jornalísticas do evento que vamos caracterizar (e que foi caracterizado pelo próprio programa) como “Guerra ao Tráfico”.

O programa Fantástico é transmitido aos brasileiros aos domingos, por volta das 20h30, desde cinco de Agosto de 1973. Segundo Luana Santana Gomes o programa:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso Comunicação e Jornalismo da Universidade de Coimbra. email: [felipemsantos3@gmail.com](mailto:felipemsantos3@gmail.com)

<sup>3</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre a Rede Globo, consultar Brittos e Bolaño (2005), no livro Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia.



Sempre mesclou em suas exibições matérias jornalísticas com quadros de humor, esporte, musicais, pesquisas interativas, enfim, entretenimento. É evidente que, apesar de seu caráter também jornalístico, o Fantástico se difere sobremaneira dos telejornais, como o Jornal Nacional, por exemplo. Desta maneira, tem-se um programa televisivo que, apesar de conservar marcas socialmente reconhecidas de um telejornal, estando, portanto, dentro do gênero jornalístico, agrega em sua formatação características outras que o desencaixam do subgênero jornalístico do telejornal, o configurando como revista eletrônica (2006, p. 9).

Como o caracteriza Luana Santana Gomes (2006), o programa analisado enquadra-se como revista eletrônica, mas é sobre as reportagens de caráter jornalístico que prenderemos a nossa investigação.

No mês de Novembro do ano de 2010, a cidade do Rio de Janeiro no Brasil, foi palco de vários acontecimentos envolvendo o tráfico de drogas. Vários automóveis foram incendiados em vias públicas e postos policiais sofreram ataques dos traficantes. Em resposta a essa série de fatos, o governo do estado do Rio de Janeiro, em conjunto com a Polícia Federal e as Forças Armadas brasileiras organizaram uma grande operação. O ponto principal desta ação foi a ocupação do denominado conjunto de favelas do Alemão, no dia 28 de novembro de 2010, pelas forças de segurança pública brasileiras. O morro do Alemão, como é mais conhecido, é considerado pela Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro como o espaço principal de organização do tráfico de drogas no Rio de Janeiro.

Em 28 de novembro de 2010, o programa Fantástico, que também tem quadros de entretenimento, apresentou quinze produtos jornalísticos que se traduziram em reportagens, entrevistas com especialistas em segurança pública e entradas ao vivo, que no nosso entendimento se caracterizam como uma grande narrativa jornalística. Fazemos essa constatação, pois o fio condutor dos produtos jornalísticos acima citados, que eram intercalados com os outros quadros do programa, tinham como assunto de fundo a “guerra ao tráfico” e a ocupação do Complexo do Alemão. A partir de agora, esses quinze produtos jornalísticos serão designados como episódios.

Nos interessamos por realizar esse trabalho justamente por ser o Fantástico um programa de grande audiência no Brasil e ligado à TV Globo que é líder de audiência na televisão brasileira. Nossa análise, baseada nas teorias da construção dos personagens



de diversos autores, visa compreender como a edição do programa construiu as personagens dessa grande narrativa. Pelo tamanho deste trabalho, não temos condições de analisar todos os personagens envolvidos, pelo qual resolvemos escolher três personagens que consideramos mais importantes. São eles: o Comandante Geral da Polícia Militar (PM) do Rio de Janeiro, Mário Sérgio Duarte, que foi o responsável pela operação e que aparece dando declarações em quatro das reportagens; a repórter da TV Globo Bette Lucchese, que acompanhou as forças de segurança na subida do morro e que, segundo o Programa Fantástico, foi a primeira repórter a transmitir do alto do Complexo do Alemão já ocupado, que apareceu em dois episódios; e por fim o traficante Zeu, condenado pelo assassinato do jornalista da Rede Globo Tim Lopes, mas que tinha fugido de um presídio e foi o único traficante conhecido da população a ser preso na operação. Este personagem apareceu em dois episódios.

### **Fundamentação teórica**

Neste ponto trataremos de apresentar os fundamentos teóricos básicos em que se estruturam este trabalho. Quando falamos em narrativa, os significados podem ser entendidos de diversas formas. Segundo Reis e Lopes (op. Cit), no Dicionário de Narratologia, a narrativa pode ser entendida “ enquanto enunciado, narrativa como conjunto de conteúdos representados por esse enunciado, narrativa como ato de os relatar (cf. Genette, 1972, p. 71-72) e ainda narrativa como modo” (op. Cit, p. 270). A narrativa por tanto, não é o simples fato de relatar ou contar histórias, mas a forma de ordenar e relacionar acontecimentos e ações, sempre buscando passar significados.

Esta forma ou modo de contar histórias também está presente nos *media*. Segundo Motta (s/d), elas podem ser de carácter factual (notícias, documentários, reportagens ou transmissões em directo) ou de carácter ficcional (novelas, filmes, comerciais e etc.). A abordagem que nos interessa neste trabalho e a qual vamos utilizar para a análise das personagens são as narrativas de factuais. Ainda segundo o autor, “a organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto, realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados)” (2007, p. 2), ou seja, o autor coloca claramente que as narrativas midiáticas acabam passando visões de mundo, mesmo que de forma inconsciente, e que o modo de construção das mesmas está



baseada nesta perspectiva. Para o nosso trabalho este entendimento é muito importante, pois a construção das personagens também é parte ativa da intenção de quem constrói as narrativas jornalísticas.

Sobre a construção das personagens, é notório que existe uma grande contribuição teórica e metodológica de vários autores que dedicaram seus estudos para a compreensão dessa categoria da narrativa. Nossa intenção neste trabalho não é fazer uma descrição cronológica ou crítica<sup>4</sup> destes autores e sim especificar as principais teorias em que vão basear-se a nossa análise. A autora Beth Brait (1985) explica que foi com Aristóteles na Grécia Antiga, com a formulação do conceito de *mimeses*, que se começou o estudo sobre a personagem. Sobre este tema, Aristóteles, apud Brait (op. Cit) , apontou para dois aspectos essenciais: “ a personagem como reflexo da pessoa humana; e a personagem como construção, cuja a existência obedece as leis particulares que regem o texto” (p. 29). Ainda segundo Brait, até o século XX vários autores se dedicaram ao estudo da personagem, mas todos refletiam uma visão antropomórfica da mesma, cuja a medida de avaliação é o ser humano. Essa concepção só muda “com a sistematização da crítica literária, em suas diversas tendências, e com a reabertura do diálogo acerca das especificidades da narrativa e de seus componentes” (idem, p. 38).

Mais a frente, em 1927 com “Aspects of the novel”, Foster introduziu os conceitos de personagem plana e redonda. Sobre essas designações de Foster, Reis e Lopes (op. Cit) exprimem:

A personagem plana é acentuadamente estática (...), enuncia discursos que pouco variam (...) a personagem redonda reveste-se da complexidade suficiente para constituir uma personalidade bem vinculada (...) é, ao mesmo tempo, submetida a uma caracterização elaborada e não definitiva (p.322-323)

Analisando especificamente as personagens jornalísticas, Mesquita (2003) defende que geralmente as mesmas se aproximam das personagens planas, visto que os *media* frequentemente só enfatizam alguns traços fundamentais das suas personagens.

Hamon, apud Reis e Lopes (op. Cit) explicam sobre a concepção da personagem como signo “uma personagem é, pois, o suporte de redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é construída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que ela faz” (p. 315). Desde este ponto de vista os autores indicam alguns

---

<sup>4</sup>Para uma análise crítica das teorias e métodos de construção da personagem, consultar “Figuras da Ficção” Carlos Reis (coord) de 2006 e “ A personagem” de Beth Brait (1985)



caminhos para a análise da construção das personagens. Estes caminhos são quanto ao relevo, ou seja, sobre as funções que as personagens desempenham nas narrativas jornalística. Vamos verificar se são protagonistas (heróis), antagonistas (vilões), secundárias ou figurantes; quanto a sua composição, se são personagens planas ou redondas; como também analisaremos o seu discurso.

Quanto a sua funcionalidade e peso no relato, Reis e Lopes (op. Cit) referem-se ao herói como o protagonista, a figura central da história, personagem que se destaca em relação as outras. Ainda sobre a figura dos heróis no jornalismo, Mesquita exprime: “são decisivas, no espaço público midiático, as modalidades de identificação “admirativa” (o “herói” perfeito); “catártica” (o “herói” que sofre ou se encontra em dificuldade) ou “associativa” (o sujeito assume um papel num drama ou competição, como se uma celebração se tratasse)” (2003, p. 128). Sobre os figurantes, Reis e Lopes (op. Cit) os caracterizam como uma subcategoria, mas não como menos importantes para o desenrolar da narrativa, visto que “pode revelar-se um elemento fundamental para ilustrar uma atmosfera, uma profissão, um posicionamento cultural, uma mentalidade” (p. 163).

Em relação ao discurso das personagens, na categoria jornalística e na literária, estes referem-se sempre a intenção do narrador. Nas narrativas de carácter jornalístico, a responsabilidade por essa criação pode ser do jornalista que faz a reportagem, entrevista ou conta a notícia, ou também pode ser da direção do meio de comunicação social<sup>5</sup>.

No “Dicionário de Narratologia”, Reis e Lopes (op. Cit, 318) explicam que o discurso das personagens pode ser medido e analisado em relação a sua maior ou menor autonomia em relação ao discurso do narrador. E citando Gennete, colocam as categoria do discurso citado, onde o narrador permite que as personagens falem por si, através da utilização de recursos como a fala em primeira pessoa; e o discurso transposto, onde o narrador fala em terceira pessoa, descrevendo os personagens sem lhe conceder a palavra. Existindo ainda o discurso narrativizado, são estes dois primeiros modelos que vamos usar para basear nossa análise. Descrevendo sobre o mesmo assunto, Beth Brait (op. Cit) caracteriza o narrador como uma câmara, que não estando envolvido na

---

<sup>5</sup>Sobre esse debate, no livro “A Deontologia dos *Media*”, Claude-Jean Bertrand (2002) afirma que não se pode confundir patrões e empregados. Mesmo os jornalistas cometendo erros “ se deve considerar que a política editorial de um meio de comunicação e sua atitude face à deontologia são decididas pelos proprietários e seus representantes” (p. 28). Seguindo esta análise, ele também diferencia os jornalistas entre vedetas e peões, estando os primeiros mais ligados e até mesmo em cargos de direcção da empresa jornalística, enquanto o segundo está mais sujeito as ordens.



história, apenas descreve-os e fingindo registro constrói as personagens; e o personagem como câmara, ou seja, estando o narrador directamente envolvido na história que conta.

Exposta a fundamentação teórica que vamos nos basear, passaremos agora para a análise da construção das personagens no programa Fantástico de 28 de novembro de 2010. Cabe aqui, antes de passarmos para a análise propriamente dita, esclarecer uma questão: nossa análise vai se restringir aos personagens construídos pelo programa Fantástico e mesmo se tratando de personagens reais, não personagens de ficção, não vamos nos preocupar com as características pessoais desses personagens e com sua vida fora da narrativa.

### **Análise da construção das personagens no programa Fantástico de 28 de Novembro de 2010**

Como explicado no início deste trabalho, neste ponto nos centraremos na análise de três personagens, que consideramos ocuparem um papel central nesta grande narrativa jornalística denominada “A Guerra ao Tráfico”. Fizemos essa escolha, pois estes personagens acabam por representar, de maneira individualizada, grande parte dos personagens envolvidos nesta história. São eles: o Comandante geral da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Mário Sérgio Duarte, que representa os policiais e a autoridade responsável pela operação no Complexo do Alemão, o Estado do Rio de Janeiro. A jornalista Bette Lucchese, que representa os repórteres que também foram caracterizados como personagens, mesmo possuindo também um papel de narrador. E por fim o traficante Zeu, que representa os traficantes de drogas.

Como a construção das personagens está intimamente ligada com o narrador, sendo esse o responsável final pela sua construção, iniciaremos analisando a fala de abertura do programa, onde os narradores personalizam-se nos apresentadores Zeca Camargo e Patrícia Poeta. Zeca Camargo abre a narrativa explicando do que se trata a história e indicando os personagens “A operação de hoje foi mais uma batalha da guerra iniciada na semana passada contra a maior quadrilha de traficantes do Rio de Janeiro, com apoio das Forças Armadas a polícia ocupou as favelas onde se escondiam os bandidos que fugiram da Vila Cruzeiro na última quinta-feira”. A seguir a apresentadora Patrícia Poeta assume o posto de narradora e segue explicando do que se trata a narrativa “Os nossos repórteres acompanharam as tropas o tempo inteiro e



contam para a gente como foram os tiroteios que atravessaram a madrugada, a preparação para a entrada no Conjunto do Alemão e o passo a passo do avanço dos policiais”<sup>6</sup>.

Como podemos perceber, o texto de abertura fala sobre as personagens principais, são elas a Polícia e as Forças Armadas, os traficantes de drogas e os repórteres. Devido a esta centralidade é que vamos centrar nossa análise nas três personagens individualizadas que definimos anteriormente.

### **O comandante geral da PM Mário Sérgio Duarte**

Vamos começar nossa análise da construção da personagem com o Comandante Geral da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Mário Sérgio Duarte. Primeiramente é preciso esclarecer que este personagem é o policial que mais vezes aparece na narrativa como uma figura individualizada. Dos quinze episódios que foram veiculados pelo programa Fantástico, o personagem que aqui tratamos aparece em quatro.

No primeiro episódio<sup>7</sup>, que representa o fato central em torno do qual foi construída a narrativa jornalística, conta-se a história da operação que ocorreu no dia 28 de Novembro na qual a Polícia Militar, as Forças armadas brasileiras e a Polícia Federal ocuparam o complexo do alemão até então dominado pelo tráfico de drogas. O narrador começa esse primeiro episódio descrevendo a preparação dos policiais na noite do dia 27 de Novembro, prossegue descrevendo a entrada das forças de segurança na manhã do dia 28 de Novembro e completa falando que a operação tinha sido vitoriosa, dando a fala para a personagem que aqui analisamos “Nós já entramos, a posição já está conquistada, vencemos, trouxemos a liberdade para população do Alemão”. O personagem reaparece no quarto episódio<sup>8</sup>, que se configura como uma reportagem onde a narrativa mostra como foram coordenadas pelos poderes públicos brasileiros, a operação no Complexo do Alemão. O narrador qualifica o local como “centro de gerenciamento da crise” e após descrever onde a cúpula dos poderes se reúne, concede a fala para o personagem “Nós temos que ter uma visão geral do Rio de Janeiro para ver a movimentação dos criminosos. Por isso, temos que coletar todas as informações”. O narrador segue explicando como acontece a operação dando a fala para outros

<sup>6</sup>As falas encontram-se em <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1632876-15605.00.html>

<sup>7</sup>Por primeiro episódio considerar o produto: *Maior operação da história liberta o Complexo do Alemão*

<sup>8</sup>Por quarto episódio considerar o produto: *Cúpula que coordena operações no Rio fica dentro de contêiner*



policiais, mas por fim termina concedendo a fala novamente ao personagem “O uso dos blindados, dos apetrechos de guerra, são muito importantes, mas a coordenação de tudo isso está aqui... Total coordenação porque, na hora da guerra, barata voa”.

No quinto episódio<sup>9</sup> o narrador fala sobre a importância da participação da população para que a operação das forças de segurança pudesse ser vitoriosa e usa os termos “ nas operações da polícia nessa cruzada contra o crime, a participação da população foi fundamental”. O narrador segue o texto apresentando falas de algumas pessoas que são generalizadas como a população do Rio de Janeiro. Todas as falas que aparecem são de apoio a operação policial e numa carta que segundo o narrador é de uma moradora do bairro da Penha, lê-se “Estamos felizes e agradecidos aos nossos guerreiros do bem e da luz”, esses guerreiros do bem e da luz são os policiais, as forças de segurança pública e de fundo o Estado do Rio de Janeiro.

Por fim, o narrador diz que a ajuda da população encurta caminhos e abre portas, quando novamente dá a fala ao personagem “Nós necessitamos entrar em todas as casas. Os moradores sabem que nós viemos para libertá-los. Os moradores sabem que nós viemos aqui para trazer paz para essa população. Os moradores pediram isso”. O sexto episódio<sup>10</sup> é o último em que o personagem aparece. Neste, o narrador afirma que depois da operação de retomada começou a varredura na comunidade, exemplificando que foram apreendidas toneladas de drogas e várias armas e que a agora buscam-se os traficantes que a polícia calcula estarem escondidos na favela. É quando pela última vez o personagem aparece falando “Agora é uma questão de paciência para verificar casa por casa, beco por beco”.

Depois de transcrevermos todas as falas do nosso personagem e contexto em que elas foram proferidas, vamos começar a análise. Podemos afirmar que quanto ao discurso, este personagem se enquadra na categoria que Gennete conceituou como do discurso citado, onde o narrador permite que o personagem fale por si, utilizando como recurso a fala em primeira pessoa. Isso pode ser constatada na maioria das aparições, onde o personagem é sempre o que fala, nunca sendo caracterizado pelo narrador. Na primeira aparição do personagem, ele fala “ nós já entramos...”, na segunda aparição “ nós temos que ter...” e na quarta “ nós necessitamos entrar em todas as casas”.

---

<sup>9</sup>Por quinto episódio considerar o produto: *Moradores do Rio apoiam ações e pedem paz para a cidade*

<sup>10</sup>Por sexto episódio considerar o produto: *Criminosos tentam enganar a polícia para escapar da prisão*



Quanto a sua composição, podemos qualificar o Comandante Geral da PM como uma personagem plana. Isto porque não possui nenhum tipo de densidade psicológica e o seu discurso não varia. Justamente por ser uma personagem plana, que também a caracterizamos como um tipo que como dizem Reis e Lopes (op. Cit.) “pode ser entendido como personagem-síntese entre o individual e colectivo, entre o concreto e o abstracto, tendo em vista o intuito de ilustrar de uma forma representativa certas dominantes (profissionais, psicológicas, culturais, económicas, etc.)” (p. 411), e esta caracterização também pode ser constatada com as próprias falas do personagem onde sempre se refere a “nós”, ou seja, ao grupo maior que representa, no caso o conjunto das forças de segurança pública envolvidas na narrativa.

Quanto ao seu relevo e importância no conjunto da narrativa, podemos considerar a personagem como protagonista (herói), pois é em torno da força de segurança pública e sua operação contra o tráfico de drogas que gira a história. Esta afirmação também pode ser confirmada com as próprias colocações do narrador, mais precisamente no episódio cinco “operação da polícia nessa cruzada contra o crime” e “estamos felizes e agradecidos aos nossos guerreiros do bem e da luz”.

### **A repórter Bette Lucchese**

Nesta narrativa jornalística vários repórteres aparecem como personagens e outros transitam entre a qualidade de narrador e personagem, é nesta qualidade que a personagem que agora analisamos se enquadra. Ela é caracterizada como personagem quando é definida pelo narrador como a primeira repórter a transmitir do Complexo do Alemão ocupado pelas forças de segurança pública. Esta personagem aparece em dois episódios; o primeiro e o terceiro, que vamos aqui relatar.

No primeiro episódio, que já relatamos na análise anterior, o narrador conta a preparação e a ocupação do Complexo do Alemão pelas forças de segurança pública. No final do primeiro episódio, depois do anúncio pelo Comandante Geral da PM que a operação tinha sido um sucesso, o narrador anuncia: “duas horas e meia depois da ocupação policial, Bette Lucchese foi a primeira repórter de TV a entrar ao vivo do alto da favela”, logo em seguida a personagem aparece pela primeira vez e fala:

Nós estamos numa área com muita segurança. Uma área onde os policiais já tomaram conta. Podemos dizer: é um marco de toda essa ocupação policial, esse ponto onde nós estamos aqui. Uma região conhecida como Coqueiral. Estamos no alto de uma das favelas do conjunto do Alemão. Nesta área aqui, os traficantes tinham uma visão privilegiada, podiam



ver tudo o que acontecia lá embaixo e aqui neste ponto conhecido como Coqueiral está o doutor Ronaldo Oliveira, que é chefe das delegacias especializadas.

Posteriormente a sua fala, a repórter entrevista o chefe das delegacias especializadas do Rio de Janeiro. A personagem só volta a aparecer na narrativa e pela última vez, no terceiro episódio<sup>11</sup>, onde ela também torna-se narrador, contando para os telespectadores como se deu a subida do morro e a ocupação feita pelas forças de segurança pública.

Para caracterizar a personagem Bette Lucchese, vamos retomar a autora Beth Brait (op. Cit) quando expõem o que seria a personagem testemunha, ou secundária:

Esse recurso de caracterização, que utiliza uma personagem secundária para fazer conhecer a personagem principal, é bastante utilizado pelo romance policial, ainda que não seja uma técnica exclusiva deste tipo de narrativa. O narrador, de forma discreta, vai criando um clima de empatia, apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinado, a figura do protagonista (p. 64).

Mesmo sendo uma categoria que é utilizada para as narrativas de carácter literário, verificamos ser essa a forma mais coerente de caracterizar essa personagem. Antes de tomar a palavra Bette Lucchese é definida como uma personagem, pois é a primeira repórter a transmitir em directo do auto do Complexo do Alemão. A partir do momento em que toma a palavra, ao mesmo tempo que transforma-se em narradora justamente por ser uma representante do meio de comunicação social, ela torna-se uma personagem secundária, que apenas busca mostrar como se deu o processo de ocupação e mais tarde, para mostrar de uma maneira convincente o papel dos protagonistas, que nesta narrativa jornalística, são as forças de segurança pública. Esta teoria exposta por Brait pode ser aplicada à narrativa jornalística, principalmente por ser o repórter, o jornalista(narrador) que vai ao local do acontecimento e que testemunha e relata o fato, criando o efeito do real. Para finalizar, esta personagem também pode ser considerada como plana, visto que não tem densidade psicológica nenhuma, não traz nenhum tipo de surpresa ao telespectador, ela é uma repórter que mostra a ocupação policial do início ao fim de sua aparição na narrativa.

---

<sup>11</sup>Por terceiro episódio considerar o produto: *Repórter transmite primeiras imagens do alto do Alemão*



---

## O traficante Zeu

A personagem Zeu é um dos únicos traficantes que são individualizados nesta narrativa. Zeu é citado primeiramente no quinto episódio, mas de forma muito rápida, para fazer ligação com a ajuda que a população estava dando para o êxito da operação, denunciando os traficantes e seus esconderijos, o narrador coloca “graças às denúncias, a polícia encontrou a casa do traficante Polegar e chegou ao local onde estava o traficante Zeu”.

Já o sétimo episódio<sup>12</sup> é inteiramente destinado para a caracterização desta personagem. O narrador começa este episódio falando que o programa Fantástico tinha mostrado em Agosto de 2010, Zeu envolvido com o tráfico de drogas no Complexo do Alemão. Logo depois conta como se deu a sua prisão e mais a frente fala do histórico do traficante, sendo um dos responsáveis pelo assassinato do jornalista Tim Lopes que trabalhava na Rede Globo. Explica também que Zeu era considerado foragido de justiça, pois fugiu em 2007, quando teve direito de sair do presídio para visitar familiares e que agora vai ter que cumprir novamente a pena, sem direito a sair novamente.

Para caracterizar esta personagem, recorreremos ao conceito de figurante explicado por Reis e Lopes (op. Cit):

O figurante pode considerar-se uma subcategoria, na medida em que constitui uma personagem em princípio irrelevante para o desenrolar da intriga, mas não necessariamente para a representação da acção (...) A representatividade social do figurante tende a fazer dele uma entidade híbrida, oscilando entre o estatuto da personagem e o do objecto ilustrativo do espaço social; o facto de muitas vezes o figurante ser apenas designado ou rapidamente descrito pelo narrador, sem chegar a tomar a palavra, acentua mais ainda essa sua vinculação ao espaço social” (p. 163)

Como a personagem Zeu é apenas caracterizada pelo narrador, sem ao menos receber a palavra, verificamos que ele enquadra-se como figurante. E ainda seguindo Reis e Lopes (2007) também afirmamos que Zeu enquadra-se como um tipo, ou seja, uma personagem que visa ilustrar uma profissão, uma atmosfera, uma cultura, etc. Neste caso, a personagem Zeu representa os traficantes de drogas de maneira tipificada. Classificamos também esta personagem como plana, visto que não apresenta nenhuma

---

<sup>12</sup>Por sétimo episódio considerar o produto: *Traficante condenado pela morte de Tim Lopes é preso*



densidade psicológica, Zeu um traficante preso, caracterizado pelo narrador como um criminoso e nada mais.

### **Considerações finais**

Como expusemos no início deste trabalho, a Rede Globo é a emissora com maior audiência no Brasil. A sua revista electrónica da noite de domingo é também um dos programas mais antigos da emissora e também possui um alto índice de audiência. Relembramos isto, para esclarecer a importância desta emissora para a formação da opinião pública entre os brasileiros.

O problema da segurança pública e da criminalidade é muito importante para a sociedade brasileira, em especial no Rio de Janeiro onde o tráfico de drogas ocupa um papel muito relevante, chegando inclusive a dominar vários espaços que deveriam ser públicos. Por ser um problema tão frequente para os cidadãos, o jornalismo produzido no Brasil concentra-se muito nesta perspectiva, mas na maioria das vezes sem debater os problemas históricos, sociais e políticos de fundo que originam a criminalidade, adotando na maioria das vezes uma perspectiva sensacionalista, com o interesse de mostrar um espectáculo e melhor vender o seu produto.

Concordamos com a perspectiva que define as notícias como uma realidade construída pelos jornalista e pelas empresas de comunicação social. Nem sempre o que é noticiado pelo jornalismo é o reflexo da realidade, mas sim uma interpretação da mesma, um ponto de vista que tem por trás interesses políticos, económicos e também ideológicos.

A partir desta concepção, das notícias como construção, entendemos que os estudos narrativos dão uma grande contribuição para o entendimento dos interesses por trás das notícias. Analisando precisamente a categoria da construção da personagem, que é o centro deste trabalho, concordamos com as colocações de Mesquita (2003, p. 133) quando diz que “no caso do jornalismo sabemos que a personagem representa uma pessoa com existência “real”. Sucede, porém, que, em regra, dessa pessoa apenas conhecemos a personagem que os media nos devolvem”, disto isso, e interpretando os resultados de nosso trabalho, fica evidente que no caso específico da operação das forças de segurança pública no Complexo do Alemão, a Rede Globo procurou construir uma imagem vitoriosa da mesma. A emissora transformou claramente os policiais em



heróis, interpretação que como mostramos na nossa análise, se traduz na fala do Comandante Geral da Polícia Militar, quando afirma que veio para libertar e trazer a paz para a população do morro do Alemão e mesmo com as entrevistas feitas com moradores do Rio de Janeiro, todas concordando com a ação tomada.

Ficamos a nos perguntar se a cobertura feita pelo Fantástico de 28 de Novembro pode realmente ser encarada como jornalística, pois em nenhum momento ouviu-se lados discordantes com a operação, regra básica da objetividade jornalística. Apesar de se utilizar, mesmo que inconscientemente, das categoria da narrativa para a construção dos produtos jornalísticos, os profissionais da informação devem ser responsáveis com esta construção, procurando esclarecer todos os factos e dar todas as visões envolvidas.

## REFERÊNCIAS

BRAIT, B. (1985). *A Personagem*. São Paulo: Bomlivro

MESQUITA, M. (2003). *O Quarto equívoco: O poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Minerva

MOTTA, L. G., (s/d.). A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística.  
s/l. <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/16836/1/R2419-1.pdf>

REDE GLOBO. 2010. *Maior operação da história liberta o Complexo do Alemão* [online]. [Acedido a 12/2010]. Disponível em <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1632876-15605,00.html>

REDE GLOBO. 2010. *Repórter transmite primeiras imagens do alto do Alemão* [online]. [Acedido a 12/2010]. Disponível em <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1632880-15605,00.html>

REDE GLOBO. 2010. *Cúpula que coordena operações no Rio fica dentro de contêiner* [online]. [Acedido a 12/2010]. Disponível em <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1632878-15605,00.html>

REDE GLOBO. 2010. *Moradores do Rio apoiam ações e pedem paz para a cidade* [online]. [Acedido a 12/2010]. Disponível em <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1632879-15605,00.html>

REDE GLOBO. 2010. *Criminosos tentam enganar a polícia para escapar da prisão* [online]. [Acedido a 12/2010]. Disponível em <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1632882-15605,00.html>

REDE GLOBO. 2010. *Traficante condenado pela morte de Tim Lopes é preso* [online]. [Acedido a 12/2010]. Disponível em <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1632881-15605,00.html>



REIS, C e A. C. M, LOPES. (2007). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.

SANTANA GOMES, LUANA. 2006. *Fantástico - O show da vida: Gênero e Modo de endereçamento em programas televisivos*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia [online]. [Acedido a 12/2010]. Disponível em [http://telejornalismo.org/wp-content/uploads/2010/05/TCC\\_Luana-Gomes-2006.pdf](http://telejornalismo.org/wp-content/uploads/2010/05/TCC_Luana-Gomes-2006.pdf)